

APRESENTAÇÃO

Flavio Botton

Doutor em Literatura Portuguesa – Editor da Todas as Musas

Grandes obras de arte foram inspiradas por momentos nada brilhantes da nossa história e das nossas vidas. Picasso fez do bombardeio de Guernica tema de um de seus mais importantes quadros. Frida Kahlo retratou a própria dor de sua coluna partida após uma cirurgia que visava corrigir problemas causados por um acidente em emocionante autorretrato. A literatura também fez proveito de episódios terríveis. Chico Buarque fez poesia com a perseguição da sangrenta ditadura militar brasileira e, para nos aproximarmos do tema do livro de Fernanda Verdasca Botton, Boccaccio ambientou seu *Decameron* na Florença devastada pela peste.

Distintamente dos rapazes e moças que contam suas histórias no livro do italiano para esquecer da calamidade que se alastra pelo país, a autora de *Atrás de cada porta* mergulha nas tristezas, nas incertezas, nas aflições e na capacidade (ou em alguns casos na incapacidade) de resistência que cada personagem demonstra ao se deparar com o isolamento social infligido às populações do mundo todo pela pandemia de covid-19. Ou seja, ela devassa e analisa poeticamente a vida de todos que ficaram atrás de suas próprias portas.

Quanto mais a arte consegue ser universal, maior ela fica e os contos de Fernanda nos dão a grande dimensão de sensações que nos atingiram durante aquele período. A escolha da forma literária do conto foi por demais corajosa, pois seria fácil se perder em uma coletânea de histórias, defeito frequente de livros de contos que pecam por falta de unidade nas narrativas. Ainda que apresente distintos enredos, um livro de contos fica mais saboroso quando carrega uma certa unidade temática. E aqui não resta dúvida, o ser humano sob uma situação social completamente nova é muito bem desenhado em sua fragilidade e

em sua resiliência, em sua temeridade e em sua tenacidade ou mesmo, às vezes, em seu desnorreamento diante do inusitado.

Ainda falando sobre a forma escolhida pela autora, um dos meus mais caros professores, Massaud Moisés, ao falar sobre o conto, apontava que o tempo, dentro dessa forma literária, deveria “despencar” em direção ao final, ou seja, o conto deveria obedecer à unidade de tempo, assim como a de espaço, de ação e de tom. *Atrás de cada porta* acata a sugestão em relação a todas as unidades propostas, mas trata a questão do tempo com mais carinho e destaque. Estão todas as personagens, assim como todos nós ficamos durante a pandemia, suspensas no tempo. E, apesar de todas as histórias se passarem em curtos intervalos de tempo, como queria o meu professor, ficamos com a sensação de estarmos sempre aguardando algo, de estarmos atados a fios invisíveis que não nos deixam seguir. Mas o que esperam as personagens? Simplesmente o fim da espera, talvez? Ou com essa suspensão querem apenas adiar o próprio fim? Limpar a casa, pintar as paredes, ouvir música, tudo para adiar o temível fim ou, como fizeram os rapazes e moças de Boccaccio, para fugir do inevitável terror do momento? Cada história dará uma resposta ao leitor que provavelmente encontrará lá algo de seu também.

Por fim, com uma sensibilidade muito especial, perspicaz e aguçada, a autora nos faz acompanhar de uma trilha sonora para cada conto. Jorge Amado já sugerira que se ouvisse seu grande amigo Dorival Caymmi na leitura de um dos capítulos de seu *Os Velhos Marinheiros ou o Capitão de Longo Curso*. Recomendo que o leitor e a leitora tentem usá-lo com *Atrás de cada Porta*. O expediente quase cinematográfico de música a acompanhar o texto faz um grande bem à experiência sensível da leitura.